

INCLUSÃO, ACESSIBILIDADE, MEMÓRIA E PATRIMÔNIO: UM ESTUDO SOBRE OS MUSEUS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS (UFPEL)

RAFAELA DOMINGUES CAVALHEIRO¹; ALINE NUNES DA CUNHA DE MEDEIROS²

¹Universidade Federal de Pelotas – cavalheiro.domingues26@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – alinencm@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho objetiva refletir como espaços históricos e culturais, especificamente os museus da Universidade Federal de Pelotas, estão implementando práticas de acessibilidade para permitir que Pessoas com Deficiência (PCD) tenham acesso à memória e ao patrimônio. A acessibilidade nesses espaços é um elemento crucial para a promoção da inclusão social e da democratização do acesso à cultura. Em um país onde a diversidade é uma realidade, garantir que todos, independentemente de suas condições físicas ou cognitivas, possam vivenciar e apreciar o patrimônio cultural é uma responsabilidade que não pode ser ignorada.

A Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015), também conhecida como Estatuto da Pessoa com Deficiência, estabelece diretrizes fundamentais para assegurar que as pessoas com deficiência (PCD) tenham acesso e participação plena em diversos contextos, incluindo ambientes culturais. Conforme disposto no Art. 42, PCDs devem ter garantido o direito de frequentar bens culturais em formatos acessíveis (Lei Federal nº 13.146, Brasil, 2015). Complementarmente, a Lei nº 11.904/2009, que institui o Estatuto de Museus, destaca no Art. 2º que um dos princípios fundamentais dos museus é “V - a universalidade do acesso, o respeito e a valorização à diversidade cultural” (Lei Federal nº 11.904, Brasil, 2009).

Essas legislações visam promover a inclusão e assegurar que todos possam usufruir da cultura e do patrimônio de forma igualitária, no entanto, a implementação dessas diretrizes ainda enfrenta desafios significativos, muitos desses espaços ainda apresentam barreiras que dificultam ou impedem o acesso de Pessoas com Deficiência (PCD). Os museus da Universidade Federal de Pelotas, especificamente os que ficam no Centro Histórico da cidade, Museu do Doce¹, Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo² e Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter³, representam um microcosmo desse cenário, cada um deles possui características únicas e diferentes acervos, mas compartilham a necessidade de se tornarem mais inclusivos e acessíveis.

¹ O Museu do Doce da Universidade Federal de Pelotas – situado na Praça Coronel Pedro Osório, número 8 – foi criado em 30 de dezembro de 2011. Configura-se como órgão suplementar do Instituto de Ciências Humanas da UFPel e tem como missão salvaguardar os suportes de memória da tradição doceira de Pelotas (UFPEL,2024).

² Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo da universidade federal de Pelotas - situado na Praça 7 de Julho, número 180 - inaugurado em 07 de novembro de 1986. É vinculado ao Centro de Artes da UFPel, tem como missão zelar pela preservação e conservação de seu acervo artístico e documental. Garantir a integridade física do acervo de obras de Leopoldo Gotuzzo, patrono do museu (UFPEL,2024).

³ O Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter da Universidade Federal de Pelotas - situado na Praça Coronel Pedro Osório, número 1 - desde 1991, é um órgão suplementar do Instituto de Biologia da UFPel e tem por missão realizar atividades voltadas ao ensino, à pesquisa e à extensão universitária, focada na área das ciências naturais (UFPEL,2024).

Além disso, é fundamental considerar que a memória coletiva não apenas preserva o passado, mas também molda a percepção atual sobre os direitos das pessoas com deficiência. A construção de um patrimônio inclusivo deve reconhecer as experiências e as lutas dessa população, permitindo que suas vozes sejam ouvidas e respeitadas. De acordo com o historiador Jacques Le Goff (1990), a memória cria uma conexão entre as gerações humanas e o contexto histórico que as envolve. Essa conexão assume um caráter afetivo, permitindo que a população se reconheça como parte da história, o que implica ter não apenas direitos, mas também responsabilidades em relação à sua comunidade. Nessa mesma linha, o sociólogo Michael Pollak (1992) reflete sobre a memória não apenas como um registro do que aconteceu no passado, mas também como uma ferramenta para compreender o tempo presente e seus conflitos. Nesse contexto, é crucial vincular essas reflexões ao direito das pessoas com deficiência, considerando a memória e o patrimônio como elementos centrais na construção de uma sociedade mais inclusiva e justa. A valorização das experiências dessas pessoas não só enriquece nossa compreensão da história, mas também fortalece seus direitos e sua representatividade na sociedade.

Portanto, o intuito deste trabalho é mostrar quais são as práticas de acessibilidade que têm sido implementadas e de que forma elas impactam a experiência dos visitantes durante as mediações nos museus da UFPEL e sensibilizar a comunidade acadêmica sobre a importância da acessibilidade em ambientes históricos e culturais.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

A pesquisa foi realizada por meio de três atividades: visitação mediada aos museus da Universidade Federal de Pelotas; entrevista com integrantes das gestões dos museus; formulário do Google Forms destinado a estudantes da universidade, especificamente estudantes PCDs.

As visitas mediadas possibilitaram uma observação direta do ambiente, enquanto as entrevistas ofereceram um espaço para que os profissionais compartilhem suas experiências e reflexões. O questionário complementa essa abordagem ao trazer a voz dos alunos PCDs para o centro da discussão. Além disso, essa pesquisa busca alinhar-se aos princípios da inclusão e da diversidade, promovendo um diálogo entre os diferentes atores envolvidos no processo de acessibilidade e inclusão.

O público-alvo é a comunidade acadêmica, estudantes PCDs, que podem contribuir com suas vivências e percepções sobre o tema da acessibilidade nos museus. A troca de experiências entre os pesquisadores e os participantes é fundamental para o desenvolvimento de ações mais eficazes e inclusivas. A metodologia adotada baseia-se em uma abordagem qualitativa, que permite uma análise profunda e contextualizada das práticas de acessibilidade nos museus. Ao final do estudo, espera-se contribuir não apenas com dados concretos, mas também com recomendações práticas que possam ser implementadas pelos museus para melhorar a experiência de todos os visitantes.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando os objetivos propostos no início desta pesquisa, os dados analisados através das atividades, revelam um avanço significativo nas práticas inclusivas, refletindo o comprometimento das equipes em oferecer uma

experiência que respeite e valorize a diversidade dos visitantes. A tabela a seguir apresenta os dados coletados a partir das entrevistas:

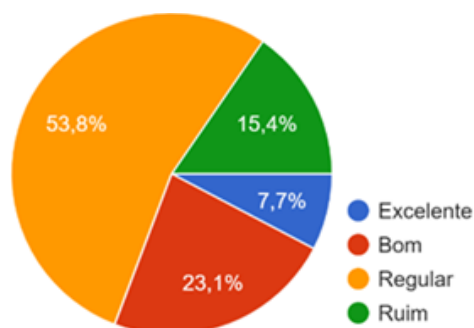
Tabela 1: Entrevistas

Perguntas	Resposta (Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter)	Resposta (Museu do Doce)	Resposta (Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo)
Quais as práticas de inclusão e acessibilidade implementadas no Museu?	Em 2019, foi desenvolvido um programa de acessibilidade, que incluiu a análise de questões estruturais e medidas a serem tomadas. O museu possui plataforma elevatória e elevador, além de disponibilizar animais para toque com agendamento e foram implementados QR code com sons de pássaros.	Desde 2016, iniciou um trabalho significativo nessa área por meio do programa de extensão “O Museu do Conhecimento para Todos: Inclusão cultural para pessoas com deficiência em museus universitários”. Esse programa visou não apenas a criação de uma exposição de longa duração acessível, mas também a implementação de um plano museológico que incorpora práticas de acessibilidade em suas atividades.	O museu possui um plano museológico que inclui ações voltadas para à acessibilidade visual, motora e atitudinal.
Existe protocolo de atendimento específico para PcD?	Sim, o museu realiza treinamento para mediadores focado em acessibilidade, preparando-os para atender a diversos públicos. O aluno Leandro Pereira, uma pessoa cega, contribui com o treinamento e desenvolvimento de recursos acessíveis.	Sim, o Museu do Doce possui um protocolo de atendimento específico para pessoas com deficiência. A equipe do Museu já foi capacitada nas questões de acessibilidade, e os mediadores participaram de um curso de formação de mediador.	Sim, nos objetivos estratégicos do plano museológico, há um foco em ser acessível a PcD, incluindo o treinamento e capacitação de toda a equipe.
O museu disponibiliza materiais em formato acessível durante as visitas?	O museu oferece maquete do prédio para orientação espacial, descrição das imagens no Instagram, e desenvolveu um Jogo da Memória Aves em versões inclusivas. Planos futuros incluem audiodescrição e tradução em libras para exposições.	O Museu do Doce disponibiliza materiais em formato acessível durante as visitas, incluindo audiodescrição, audioguia, identificação em braille e letras ampliadas, réplicas táteis da estrutura do prédio e do teto e roteiros em pictogramas.	Sim, dependendo da exposição, o museu oferece audioguia e audiodescrição, além de disponibilizar audiodescrição e legendas em braille para pelo menos três obras de Leopoldo Gotuzzo a cada ano.

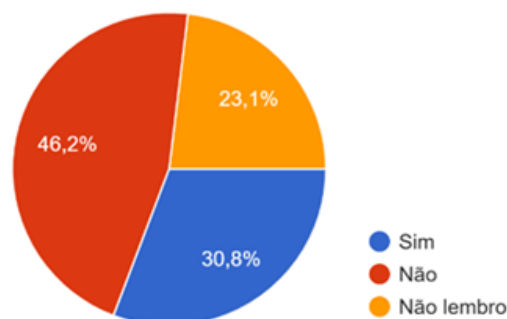
A pesquisa realizada através do Formulário do Google Forms obteve 16 respostas de alunos vinculados à UFPEl, sendo que 67,3% dos participantes são estudantes PCDs. Dentre os respondentes, 13 alunos afirmaram já ter frequentado os museus da universidade, enquanto 3 não. As razões apontadas para a não visita incluem desinteresse, falta de informação e dificuldade de acesso. Os estudantes que tiveram a oportunidade de visitar os museus avaliaram suas experiências em relação à acessibilidade conforme as perguntas “4. Se você já visitou algum destes museus mencionados anteriormente, como você avaliaria a sua experiência em termos de acessibilidade?” e “5. Você encontrou recursos de acessibilidade adequados durante a sua visita (Ex: rampas, sinalização em braille, guias em Libras, audiodescrição, banheiros adaptados)?”. Os resultados serão apresentados nos gráficos a seguir:

Gráfico 1: Referente a pergunta 4

Gráfico 2: Referente a pergunta 5



Fonte: Questionário do Google Forms



Fonte: Questionário do Google Forms

A análise dos dados revela que, embora haja avanços significativos na implementação de programas de acessibilidade, ainda existem lacunas que precisam ser abordadas para garantir uma experiência verdadeiramente inclusiva. Em conclusão, é importante destacar iniciativas como o Projeto de Extensão “Um Museu para Todos: Programas de Acessibilidade”, coordenado pela professora Desirée Nobre Salazar, que visa diagnosticar a acessibilidade dos museus da Rede de Museus da UFPel, proporcionando às instituições bases concretas para atualizar seus Programas de Acessibilidade; e o Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI) da UFPel que desempenha um papel crucial ao tornar a universidade mais inclusiva, tanto nas práticas educacionais quanto nas atividades culturais em que se envolvem. Essas ações coletivas reafirmam o compromisso com a acessibilidade e a inclusão.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Brasil. Lei Federal nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009. **Diário Oficial da União 2009**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l11904.htm. Acesso em: 20 de setembro de 2024.

Brasil. Lei 13.146, de 6 de julho de 2015. **Diário Oficial da União 2015**; 7 jul. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 20 de setembro de 2024.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. SP: Editora da UNICAMP, 1990.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5.n. 10, p. 200-212, 1992.

UFPEL. **Núcleo de Acessibilidade e Inclusão - NAI**. 2021. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/nai/>. Acesso em: 20/09/2024.

_____. Um museu para todos: **Programas de Acessibilidades**. 2020. Disponível em: <https://institucional.ufpel.edu.br/projetos/id/u1901>. Acesso em: 20/09/2024.

_____. **Rede de Museus UFPel**. 2024. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/rededemuseusdaufpel/>. Acesso em: 20/09/2024.